

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 21

Rebeto Alves
Vitor Ramil





Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossir Berni - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.

O Guasca Que é o Rei do Pop



Bebeto Alves

A imagem não é nova, mas quase sempre funciona. Quem nasce no pampa gaúcho é guasca indócil, acostumado com grandes amplidões, afeito à liberdade, taura sem destino e sem preconceito, mas cheio de idéias. Pois não é que o uruguaianense Beбето Alves é tudo isso? Basta percorrer seus 46 anos de idade, mais de trinta deles dedicados à música, para concluirmos que o autor de *Pegadas* já andou por muitos lugares e estilos que começaram quando ele tinha seus onze anos, cantando *Quero Que Tudo Vá Para o Inferno*, nos estúdios da Rádio Charrua de Uruguaiana. Depois, a vinda para Porto Alegre, a adolescência na Esquina Maldita, onde quase todos os estilos musicais se encontravam. Beбето escolheu o caminho mais difícil e abraçou (quase) todos os estilos. No comando do "trio viajandão" e instrumental "Utopia", surfou na onda da nova música gaúcha e urbana que deslanchou no final dos anos 70.

Em 1978, Beбето estava fazendo história ao lado de Nelson Coelho de Castro, Raul Ellwanger, Cláudio Vera Cruz, Nando D'Avila e Carlinhos Hartlieb ao gravar o LP *Paralelo 30*. Um ano depois, foi a hora de deixar o conforto do *Paralelo 30*, que cruza praticamente por cima da capital gaúcha. Beбето passa algum tempo em São Paulo, depois no Rio, participa do Festival MPB Shell e lança o disco *Notícia Urgente* pela Warner. Em 1984, o single *Quando Eu Chegar* ganha os programas do Chacrinha, Xuxa e Flávio Cavalcanti, mas Beбето não quer vestir o figurino confortável do sucesso pelo sucesso. Rejeita as sugestões para virar "galã" e banca o galo. Segue cruzando rock, nunca deixa de compor suas milongas, afia sua voz e se muda para Boston, nos Estados Unidos, onde chega a trabalhar de entregador de pizza. Mas Beбето não é de deixar as coisas terminarem em pizza. Volta a Porto Alegre e lança o disco *Pegadas*, que chega a mais

de 20 mil cópias vendidas, ensinando (outra vez) como se faz um sucesso pop.

Sempre resguardando sua liberdade, ocupa a década de 90 produzindo desde grupos de reggae até o country-pop de Luciana Pestano, juntando-se a Totonho Villeroy, Gelson Oliveira e Nelson Coelho de Castro para criar os antológicos show e CD *Juntos*. A partir de 1995, fechou uma parceria com Mauro Moraes, que rendeu três excelentes CDs e a reaproximação de Beбето com a velha e querida milonga. Ano passado, mais uma surpresa: Beбето Alves lança sua milonga nova, embalada em novíssimas soluções rítmicas e instrumentais para um velho tipo de música. Este ano, mais outra: o cantor arranja tempo para assumir como diretor do Instituto Estadual de Música (IEM). É como se passasse uma vida provando que prática e teoria andam juntas, que milonga e rock podem se dar bem, que o artista não precisa ter estilo - tem de ser o estilo. Beбето encontrou o seu: é um guasca que é o rei do pop.

Esta página é uma colaboração de **Renato Mendonça** - Jornalista



Cronologia Biográfica: Luis Alberto Nunes Alves Bebeto Alves

1954 - Nasce em Uruguaiiana, no dia 04 de novembro, filho de Werley Rodrigues Alves e Iolanda Nunes Alves.

1961 - Ingressa no curso primário da Escola Estadual Getúlio Vargas (Uruguaiiana).



Aos oito anos.

1964 - Um evento marcante foi a prisão do pai, não por militância política, mas apenas por falar mal e debochar do governo militar nos bares da cidade. A casa foi cercada por soldados do exército e o "Seo" Werley levado. Ainda criança no momento, Bebeto não dimensionou o acontecimento como um problema e sim como uma aventura; todavia, chocou-se quando foi visitar o pai preso no quartel do exército.

1965 - Ligado à música pelas rádios brasileiras e argentinas que entravam na região, participa como calouro infantil no programa "Mundo da Criança" (Rádio Charrua de Uruguaiiana) cantando *Quero que Tudo Vá para o Inferno* de Roberto Carlos. Passa a participar assiduamente do programa.

1966 - Começa a aprender violão por acordes cifrados com o professor Miguel Damasceno (que era também sapateiro). Ganha um violão com cordas de aço do pai e começa a compor influenciado pela Jovem Guarda.

1967 - Ingressa no ginásio do Colégio Marista Santana. Passa a cantar em programas noturnos de rádio, como o "Quero-Quero Show" (Rádio São Miguel de Uruguaiiana). Ingressa no conjunto de baile local, "Os Zumbis". O conjunto tinha a peculiaridade de usar figurino preto e executar rock com duas guitarras, baixo e bateria. É expulso da escola por indisciplina.

1969 - Passa a integrar o "Hi-Fi", principal conjunto de baile da região, cantando o repertório em inglês da banda. Ingressa no Colégio União, tornando-se colega de João de Almeida Neto. Passa a participar dos grêmios literários, onde se exercia arte em geral.

1970 - Muda-se para Porto Alegre, ingressando na 3ª série ginasial do Colégio Estadual Padre Rambo. Como era normal na época, passa a experimentar drogas alucinógenas e aderir ao comportamento hippie.

1973 - O convívio com o pessoal da legendaria "Esquina Maldita" (Sarmento Leite com Oswaldo Aranha) o leva a participar de "um show anárquico" (sic) no Teatro de Câmara junto a Chico Ferreti, Tuca e outros músicos, colocando-o no cenário musical de POA.



Rodas de Som no Teatro de Arena, em 1975.



1974 - Monta a primeira formação do grupo "Utopia", com os irmãos Ricardo (violino) e Ronaldo Frota (violão), com os quais passa a atuar no circuito universitário.

1975 - As participações nas "Rodas de Som" do Teatro de Arena (promovidas por Carlinhos Hartlieb) dão visibilidade ao "Utopia".

1976 - Participa com sucesso do programa "Mister Lee" da Rádio Continental. A performance ao vivo foi gravada e passa a ser reproduzida pela rádio. Executa show com muita repercussão na Assembléia Legislativa, lotando o local. Realiza uma série de apresentações pelo interior. Ao final do ano, dissolve-se o grupo.

1977 - Nasce a primeira filha, Luna. Realiza o seu primeiro show solo no Instituto de Artes (UFRGS/POA), acompanhado por Léo Ferlauto ao piano.

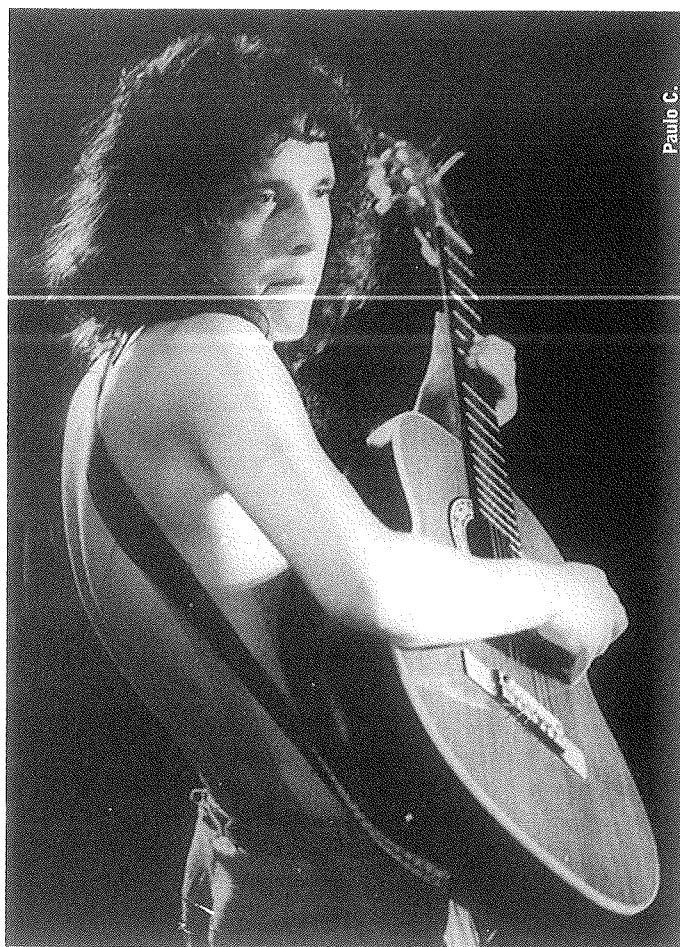
1978 - Grava o LP *Paralelo 30* junto a Nelson Coelho de Castro, Raul Ellwanger, Cláudio Vera Cruz, Nando D'Ávila e Carlinhos Hartlieb.

1979 - Começa a incorporar elementos regionais ao seu trabalho. Remonta o "Utopia" (com nove integrantes), realizando várias apresentações. Dissolve-se o grupo, e Bebeto muda-se para São Paulo.

Conhece o produtor Carlinhos Sion que resolve investir em seu trabalho. Neste interim, chega a trabalhar como garçom em uma casa de chá. Ali também realiza uma "Mostra de Música Gaúcha" que cresce e chega ao Teatro Ruth Escobar. Participam Mário Barbará, Fernando Ribeiro, Jerônimo Jardim, Carlinhos Hartlieb, Raul Ellwanger e outros.

1980 - Participa do show "Explode 80", em Porto Alegre. Chamado por Carlinhos Sion para contrato com a Gravadora CBS, muda-se para o Rio de Janeiro.

1981 - Sai o LP *Bebeto Alves* pela CBS. Participa do festival nacional MPB Shell com a música *Kraft, mas Kraft Mesmo*.



1982 - Nasce sua segunda filha, Mel, que em 2001 tornar-se-ia estrela da televisão brasileira. Participa do evento MPG, produzido por Ayrton dos Anjos, no Teatro João Caetano (RJ). Grava ao vivo o LP *Notícia Urgente*, no Teatro Leopoldina (POA). Lançado pela Warner em vários países, o disco é considerado pela crítica uma boa novidade no cenário pop.



1983 - Lança pela Warner o compacto, contendo *Nosso Natal* (versão de Bebeto sobre canção de León Gieco) e *Quando Eu Chegar* (de sua autoria).

1984 - Estoura a canção *Quando Eu Chegar* nas rádios brasileiras. Participa de vários programas nacionais de TV (Chacrinha, Flávio Cavalcanti, J. Silvestre, Xuxa e outros). Ao final do ano, tem recusado seu projeto de novo disco pela Warner. A gravadora tenta impor-lhe um disco romântico e criar-lhe um tipo "galã". Rompe o contrato com a Warner.

1985 - Ingressa na gravadora Som Livre, onde lança o LP *Novo País*, adaptação do projeto recusado pela Warner. Encontra-se com Tom Jobim a fim de subsidiá-lo com informações sobre ritmos gaúchos para a trilha de "O Tempo e o Vento".

1986 - Muda-se para Boston (EUA). Por sete meses, trabalha em vários serviços (de pintor de paredes a entregador de pizza). Lá compõe as músicas que o levaram ao *Pegadas*. Em outubro volta ao Brasil.

1987 - Grava o LP *Pegadas* ao vivo no Teatro Bar Porto de Elis. Lançado pela Continental, o disco vende, em Porto Alegre, mais de 20 mil cópias. Participa da fundação da Coompor (Cooperativa Mista dos Músicos de Porto Alegre).



1988 - Lança o LP *Danço Só*, pela RBS/Polygram.

1989 - Nasce a terceira filha, Kim. Eleito presidente da Coompor, produz e participa do LP *Coompor Canta Lupi*. Produz o disco *Por Favor, Sucesso* de Glória Oliveira.

1990 - Lança o CD independente *Milonga de Paus*. Começa trabalhar na produção de áudio para publicidade.

1991 - Produz o disco *Porto Reggae* ("Motivos Óbvios", "Facção Brasil", "Produto Nacional" e "Bebeto Alves Troupe").

1993 - Lança, pelo selo Cameratti (SP), o CD *Paisagem*.

1994 - Produz e arranja o CD *Gaúcho Dance Music* (RGE) com vários intérpretes, dando versões *dance* para clássicos regionais. Sai o CD coletânea *De Aço e Algodão* pela ACIT.

1995 - Lança o CD *Milongueando uns Troços* (RGE), primeiro da trilogia em que Bebeto interpreta a obra do compositor Mauro Moraes. Realiza show em Buenos Aires.

1996 - Produz o disco da cantora Luciana Pestano.

1997 - Realiza o espetáculo "Juntos" com Totonho Villeroy, Gelson Oliveira e Nelson C. Castro, Prêmio Açorianos de Melhor Espetáculo. Lança pela USA Discos o segundo CD da trilogia sobre temas de Mauro Moraes, *Mandando Lenha*. Participa como intérprete do disco *Porto Alegre Canta Tangos*, promovido pela Prefeitura de POA.

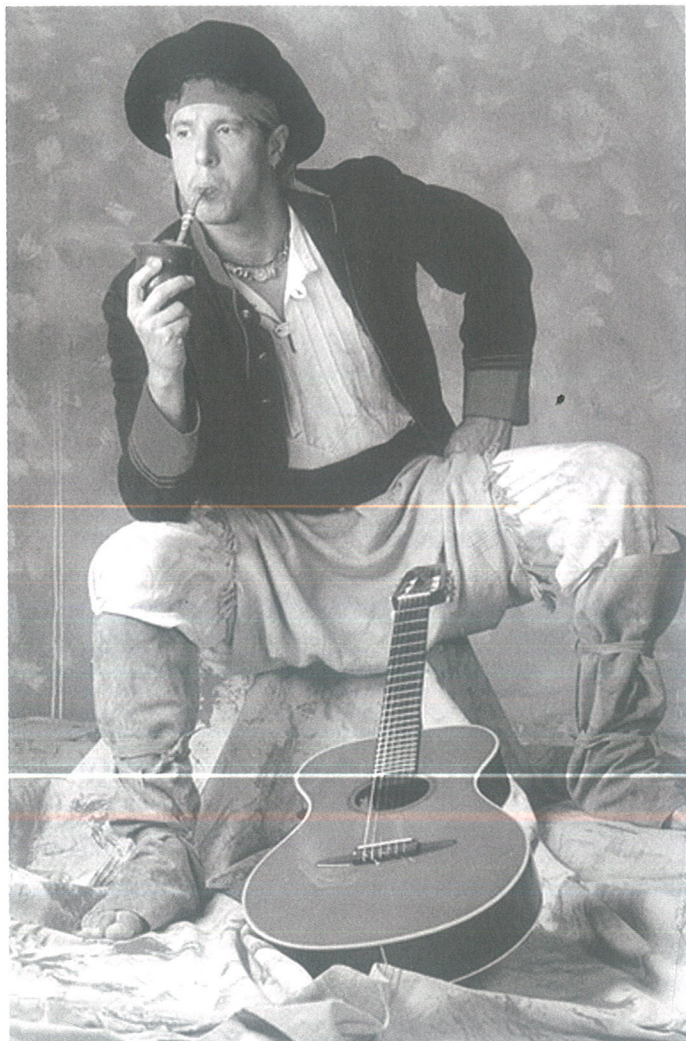
1998 - Fecha a trilogia Mauro Moraes com o CD *Milongamento* (USA Discos), com ótima recepção da crítica. Sai o CD *Juntos* pela RBS/RGE, com o material gravado do show ao vivo. O disco recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Disco MPB e Melhor Disco do Ano. Realiza o show "La Milonga Nova" em Sanary (França) e o show "Juntos" em Buenos Aires e Montevideo.

1999 - Realiza o show "Juntos" em Sanary.

2000 - Lança o CD *La Milonga Nova* (Antídoto). Executa os shows do "La Milonga Nova" em Viena (Áustria), com boa repercussão, e do "Porto Alegre Canta Tangos" em Roma.

2001 - Assume a direção do Instituto Estadual de Música (RS).

Depoimentos



Caracterizado para o Filme "Neto Perde sua Alma".

" Logo que cheguei em Porto Alegre (1970), tinha a impressão de que falava outro idioma; tinha um sotaque carregado da fronteira, foi um choque cultural. No início dos 80, aquela moda do 'gauchismo' me soava falsa. Eu vinha de uma região em que se vivia isso e ninguém usava bombacha, a não ser o pessoal que lidava no campo. Então aquilo de nativismo não me soava como uma coisa verdadeira. Eu não tinha o menor interesse naquilo. Na verdade, incorporei o que acontecia no mundo todo, o movimento hippie, a contracultura, o uso "romântico" de drogas, e isso me levou ao 'Utopia', e as 'Rodas de Som' do Teatro de Arena deram visibilidade a isso.

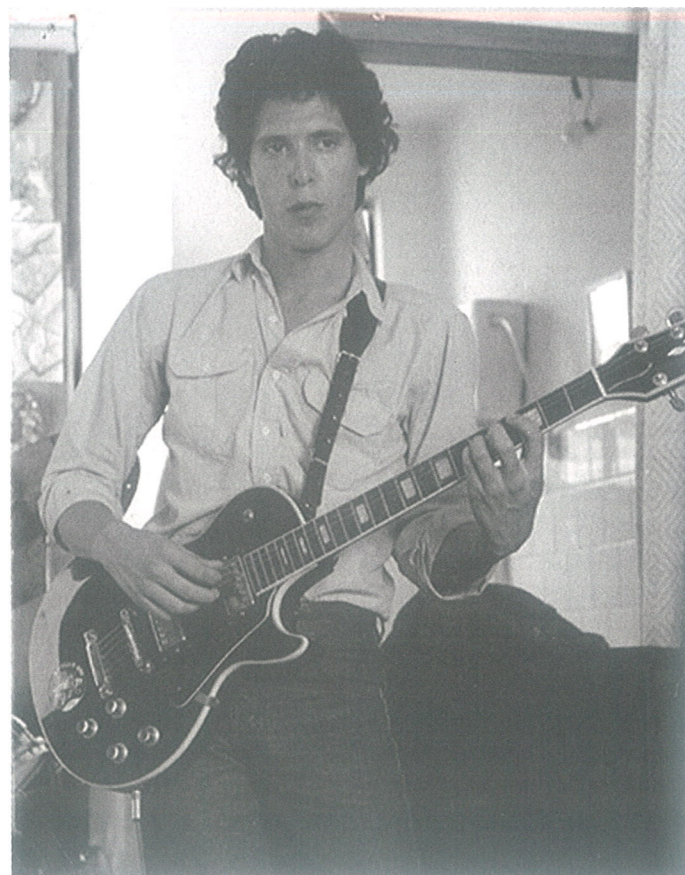
Carlinhos Hartlieb foi o primeiro cara que eu vi usar coisas da música regional dentro daquele meio e não tinha nada a ver com nativismo. Ali eu vi que havia possibilidade de se usar regionalismo e ser uma coisa verdadeira."

" O Paralelo 30 foi uma síntese dos anos 70. Tinha o rescaldo de tudo daquele tempo, desde o 'Liverpool' e o 'Bixo da Seda' até o movimento pop mais recente que renunciava os anos 80. Ele foi fundamental naquela época; tinha a idéia de uma música popular brasileira com origem no RS."

" Quase todos os meus discos foram lançados por gravadoras, mas sempre procurei produzi-los de forma independente. Hoje o disco independente não é mais uma coisa pobre como há tempos atrás, mas um sinônimo de coisa bem feita e até de bom negócio.

Desde 82, tenho feito de forma independente e negociado depois. É uma fórmula boa em que se dimensiona o público antes de produzir. Acabada a fase romântica do disco independente, hoje se sabe que esta é uma fatia enorme do mercado fonográfico e que cresce a cada dia."

" A Coompor foi uma tentativa de organização frente às políticas públicas culturais. Ocupamos um espaço onde ainda não havia as atuais coordenações das secretarias estadual e municipal. Não era uma entidade classista, mas tinha um caráter classista. Foi um período importante, onde aprendemos a nos organizar política e administrativamente."





" O projeto administrativo do IEM está contido no projeto de governo do estado; o diferencial, que pode ter a minha presença ou de outro artista qualquer na direção, é trazer a perspectiva do artista trabalhando pelo artista.

Precisamos fazer com que as secretarias de governo ajam em conjunto, que tenhamos ações com turismo, agricultura, TVE e todas as outras, de modo que o IEM possa participar de todos os projetos."

" A minha relação com a milonga foi espontânea; este ritmo traduz a amplidão do pampa e a solidão humana daquele espaço. Naquele momento eu estava muito identificado com isso. Eu não tinha uma intenção específica de pesquisa. A única verdade que eu tinha nisso era misturar a minha formação pop com a milonga. Foi um momento de decisão, porque qualquer outra coisa que eu fizesse, seria mentira e eu precisava me manifestar sobre isso. Eu não tinha a necessidade esquizofrênica de separar a minha origem interiorana do modo pop de fazer música."

" A questão da música do RS frente ao Brasil soluçiona-se no momento em que tivermos um mercado regional forte. Se isto acontecer, vai despertar o interesse da grande mídia e do centro do país."

" Os movimentos nativistas e regionalistas têm uma função importante de resistência cultural, mas não são verdades absolutas nem são a única possibilidade de expressão cultural do RS. Eu sempre fui avesso, por exemplo, aos festivais, não só os daqui, mas qualquer tipo de festival que implique em competição entre as músicas e os autores. É um ambiente em que não me sinto bem. Esse aspecto competitivo cria vícios, conluios, problemas de toda a ordem que este tipo de coisa produz sempre. Por outro lado, os festivais tiveram extrema importância em seu momento histórico, trouxeram uma alternativa à música do sistema e criaram um mercado de trabalho para os músicos. Apesar de todos os problemas, eles têm sua função cultural e social, mas precisam readequar e re-dimensionar sua ação para sobreviver, e é muito importante que eles resistam e sobrevivam, reencontrando a sua personalidade."



Ricardo Baumgartner, Gustavo Maia, Edinho, Ricardo, Guilherme, Gaudes e Bebeto Alves.



Pegadas

Bebeto Alves

Nas pegadas das minhas botas trago as ruas de Porto Alegre

e na cidade dos meus versos, um sonho dos meus amigos

Caminhando pelas ruas de uma cidade americana / eu percebo que não quero migalhas,

Nem tão pouco medalhas, isso é tudo ilusão / vendo as mesmas mentiras num país desenvolvido

armado até os dentes pra guerra, me dói o coração / perceber a situação em que estamos envolvidos

sem perspectiva de qualquer solução

Nas pegadas das minhas botas trago as ruas de Porto Alegre

Na cidade dos meus versos, os sonhos dos meus amigos

E quando penso na razão que nos leva a acreditar / que estamos mudando um país

Uma voz vem lá de dentro e me diz / que o sistema no fundo é o mesmo

e não cabe mais aqui e agora / essa máquina que nos fez aprendiz de um poder vagabundo

Nas pegadas ... /E não podemos mais desperdiçar energia, com uma vazia retórica estética amordaçando o grito de um coração que luta contra toda falta de perspectiva e informação do pensamento abatido pelos mísseis imperialistas dentro de sua própria nação / com toda falta de cultura, sensibilidade, amor, respeito e educação

Nas pegadas ... /E fico puto ao constatar que desperdiçamos tempo parados em segredo, bebendo num bar que nos feriu a memória e nos tirou a força humana /o único sentido de revolução de um ser o objetivo intrínseco de um homem novo de qualquer geração / para toda e qualquer falta de possibilidade tem de haver reação

Nas pegadas ... /E agora eu sei que o que nos ensinam a esperar inutilmente/ foi a burocracia, o misticismo e a religião, esperar por Deus, por alimento, pão / esperar que as coisas mudem num próximo momento / e eu atento contra a culpa e o sofrimento judaico-cristão /contra toda dúvida e medo / com muita satisfação

Nas pegadas ... / Caminhando pelas ruas de uma cidade americana, eu lembro o poeta Duclos que disse

Estar a salvo não é se salvar /e eu completaria, hoje em dia se sentir a salvo é esperar

Por salvação e nada nos salvará, um dia ainda nos aniquilarão / parodiando *russians*

Do Sting, eu diria então / espero que os brasileiros amem muito seus filhos, de coração.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Depois da Chuva

Bebeto Alves

1 NÃO VOU MOR RER... DE POIS DA CHU... VA

5 CO MOUM DO MIN... GO NÃO VOU MOR RER...

9 NÃO VOU MOR RER... IS... SOÉ UMIN SUL... TO

13 SOB ES SE VIA DU... TO NÃO VOU MOR RER...

17 A B/A G#m7
A CI DA DEES CU RAE I MUN... DAÉ QUEBS TA A A PO DRE CHR...

20 G#m7 A9 G#m7
... E VEM... A CHU VA VEM AS PE DRAS RO LAR RO LAM

24 A9 A/B
PE DRAS SIM RO LAMEM MIM...

27 E9 G#m7
EEU NÃO VOU MOR RER... DE SA PA RE CHR...

31 A9 E9
NA PA LA VRA FIM... ES CRI TARM AL GUM LU GAR.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Vitor Ramil

O irmão mais novo da dupla "Kleiton & Kleidir" estreou precocemente e em alto estilo na cena musical urbana do Rio Grande do Sul. Seu primeiro disco, gravado quando ele tinha apenas dezoito anos, teve a participação de ninguém menos que Egberto Gismonti na faixa *Estrela, Estrela* (parceria que se repetiu no disco *Tambong*, de 2000) e encantou o público com belas canções. Vitor surpreendeu com um estilo melancólico e uma poesia intensa, resultado de muita leitura e a aproximação com os países do Prata. O jovem compositor também fez questão de valorizar e falar abertamente, alguns anos depois, sobre os traços culturais que aproximam o Rio Grande do Sul do Uruguai e da Argentina e o separam do resto do Brasil. Nascia a teoria da Estética do Frio, que colocou o assunto na ordem do dia e ajudou os gaúchos a se orgulharem da sua condição de viver no estado mais meridional do país. Também aproximou o público das milongas, um gênero intrinsecamente ligado ao pampa, à paisagem do Rio Grande do Sul. Quem poderia imaginar que uma canção como *Ramilonga*, longa e triste, fosse emplacar nas rádios FM voltadas ao público jovem?

As idéias de Vitor e sua busca por um trabalho o mais perfeito possível o deixaram um bom tempo afastado dos estúdios, logo após o lançamento do elaborado *Tango*. Entre 1986 (ano de lançamento de *Tango*) e 1995 (quando lançou *À Beça*), Vitor Ramil estudou muito, esboçou a novela "Pequod", fez shows, criou personagens e voltou com um estilo ainda mais refinado. Neste período, também optou por viver em Pelotas, no casarão centenário onde nasceu e onde sua família sempre viveu. Como ele faz questão de ressaltar, sua música é complexa e muito elaborada. Inteligente também é uma boa definição. O fato é que, em cada um de seus seis discos, Vitor conseguiu surpreender público e crítica. Seus shows, apesar de esporádicos, estão sempre lotados. Atualmente, ele faz parte de uma geração de artistas criativos que se destacaram na década de 90 por apostar no regionalismo, por utilizar suas raízes e sua vivência na composição de um trabalho de qualidade.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica: Vitor Hugo Alves Ramil Vitor Ramil



Vitor com 8 meses.

1962 - Nasce em Pelotas (RS) no dia 7 de abril. Filho mais jovem do casal Kleber Pons Ramil (uruguaio) e Dalva Alves.

A família tinha forte inclinação artística o que resultaria em vários filhos envolvidos com música. Além de Vitor, os irmãos mais velhos, Kleiton e Kledir, marcariam época na história da música do RS, e a irmã, Branca, seria a empresária da dupla.

1968 - Ingressa no Curso Primário do Instituto de Educação Assis Brasil, em Pelotas.

1974 - Vence, pela Região Sul, um concurso nacional de contos promovido pela Nestlé com o trabalho intitulado "O Fantástico Mundo do Chocolate".

Inicia os estudos de violão clássico e piano. Compõe suas primeiras canções.

1976 - Monta o grupo "Canto, Contraponto e Fuga"

e faz seus primeiros shows. Participa como ator do grupo de teatro da Escola Técnica Federal de Pelotas.

1977 - Compõe *Mina de Prata*, em parceria com Arthur Nestrovski.

1978 - Apresenta seu primeiro show como artista solo "Vitor Ramil e Corpo de Baile", no Teatro do Colégio Gonzaga, em Pelotas. Registra pela primeira vez suas composições em estúdio, na extinta gravadora ISAEC, em Porto Alegre.

1979 - Ingressa na universidade aos dezesseis anos, como aluno do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas. Compõe sua primeira milonga, *Semeadura*, em parceria com José Fogaça. Cria a expressão "Satolep", Pelotas ao contrário, para a canção homônima.

1980 - Muda-se para Porto Alegre, onde segue seus estudos na Universidade Federal do RS. Vence uma das linhas da X Califórnia da Canção Nativa em Uruguaiana, com *Semeadura*, em parceria com José Fogaça. A cantora Zizi Possi grava *Mina de Prata*.

1981 - Grava seu primeiro disco, *Estrela, Estrela*, pela gravadora Polygram, no Rio de Janeiro, aos 18 anos. Lança o disco com show no Teatro Renascença, em Porto Alegre (nos dois espetáculos dessa noite, aproximadamente seis horas de show, participou quase todo o meio musical de Porto Alegre da época). "Kleiton & Kledir" gravam *Semeadura e Estrela, Estrela*; Gal Costa grava *Estrela, Estrela* e Zizi Possi grava *Assim, Assim*.

1982 - Decide dar um tempo na carreira; troca o curso de Jornalismo pelo de Composição e Regência (UFRGS) e estuda piano.

1983 - Casa-se com Ana Ruth Moresco Miranda em Rosário do Sul, cidade natal de Ana.

1984 - Grava seu segundo disco *A Paixão de V Segundo ele Próprio*, pela gravadora Som Livre/RBS, no Rio de Janeiro. Lança o disco, com show, no teatro da Reitoria da UFRGS, em Porto Alegre, para o qual recria *Joey*, de Bob Dylan, em português. *Joquim* (o nome dessa versão) seria gravada no próximo disco.

1985 - Nasce seu filho Ian. Compõe *Loucos de Cara*, em parceria com o irmão Kleiton, e *Ramilonga* (que só viria a gravar muitos anos depois), às vésperas de ir embora de Porto Alegre. Mercedes Sosa grava *Semeadura*.

1986 - Muda-se para o Rio de Janeiro. Grava o disco



Tango, pela gravadora EMI, no Rio de Janeiro.

1987 - Cria o personagem Barão de Satolep (primeiramente batizado de Barão Vamp de Sato). Afasta-se dos estúdios e inicia uma longa temporada dedicada apenas aos shows. Entre eles: "Vitor Ramil e Nico Assumpção", "Midnight Satolep", "Animais" (com Celso Loureiro Chaves), "É Prejudicial o Uso de Salto Alto?" e "A Invenção do Olho". Começa e escrever seu primeiro livro, "Pequod".

1989 - Nasce sua filha Isabel. Começa a refletir acerca do que denomina "Estética do Frio".

1991 - Volta a viver no Rio Grande do Sul, Porto Alegre e, depois, em Pelotas.

1992 - Publica no livro "Nós, os Gaúchos" o ensaio-esboço "A Estética do Frio".

1993 - Começa a conceber e registrar no Rio de Janeiro, com André Gomes, canções criadas a partir das idéias da "Estética do Frio", o que desencadearia sua produção dos anos 90. Ganha o Prêmio Açorianos Melhor Canção por *A Invenção do Olho*.

1995 - Lança (tiragem especial e limitada pela revista Capacete) seu primeiro CD, *À Beça*, gravado no Rio de Janeiro, durante o ano anterior.

Lança seu livro "Pequod", pela editora Artes e Ofícios de Porto Alegre. Ganha o Prêmio Açorianos Melhor Compositor.

1996 - Apresenta-se pela primeira vez na Argentina, dentro do Projeto Porto Alegre em Buenos Aires, com participação especial de Pedro Aznar. Ganha o Prêmio Açorianos de Literatura Autor Revelação. Seu livro ganha o prêmio de Melhor Capa. Apresenta-se com a "Orquestra do Theatro São Pedro" em Porto Alegre.

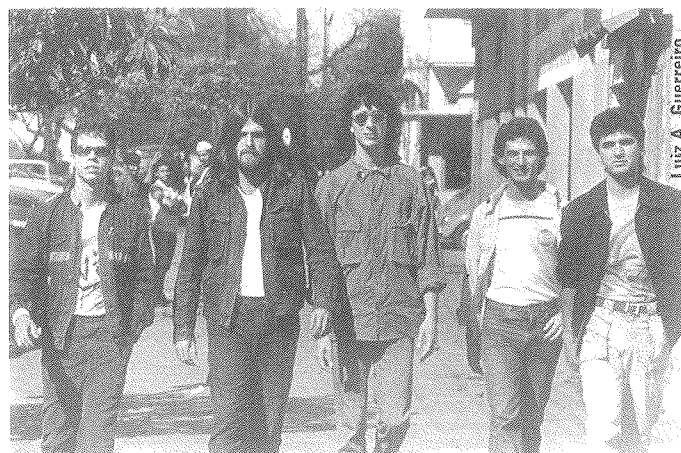
1997 - Grava *Ramilonga*, *A Estética do Frio* e relança em CD o LP *Tango* (ambos projetos com financiamento do Fumproarte, Prefeitura de Porto Alegre). Cria o selo Satolep Music, através do qual passa a lançar seus discos.

1998 - Relança em CD o LP *A Paixão de V Segundo Ele Próprio* (Fumproarte-Satolep). Ganha o Prêmio Açorianos de Música Melhor Disco por *Ramilonga*. Participa da gravação do disco *Porto Alegre Canta Tangos*, em Buenos Aires. Apresenta o espetáculo "Borges da Cunha Vargas Ramil", de milongas inéditas.

1991 - Reedita, pela editora L&PM, o livro "Pequod", acompanhado de um ensaio do autor. Reúne-se com Nei Lisboa para um espetáculo em Porto Alegre, com grande sucesso de público. Apresenta-se nas Missões Jesuíticas de São Miguel com a "Orquestra da Unisinos". Ganha o Prêmio Açorianos de Música Melhor Espetáculo por "Borges da Cunha Vargas Ramil".

2000 - Grava *Tambong*, em Buenos Aires, com produção de Pedro Aznar (Fumproarte BAM-Satolep). Ganha o Prêmio Açorianos de Música Melhor Compositor. Apresenta show de milongas (do disco *Ramilonga* e novas composições) com a orquestra do Theatro São Pedro, em Porto Alegre.

2001 - Realiza temporadas de shows de lançamento de *Tambong*, começando pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Compõe para um novo disco.



André Gomes, Carlos Martau, Vitor, Dudu Trentin e Alexandre Fonseca.



Depoimentos

" A partir do momento em que tive vivências mais intensas, tanto no Rio de Janeiro quanto em Montevideo ou Buenos Aires, cheguei à conclusão de que a afirmação de sermos mais portenhos do que brasileiros vem carregada de uma necessidade de auto-afirmação. Isso traz aquele sentimento de que se a nossa cultura não chega com força no Brasil, optamos por ser mais do Prata, algo assim 'se eles não nos querem, também não queremos eles'. O gaúcho sempre teve esse sentimento dividido em relação ao Brasil, mas eu acho que isso está mudando hoje em dia, porque o status do Rio Grande do Sul cresceu muito no país.

O gaúcho passou daquele orgulho apegado a feitos da história, meio com cara de bravata, para um orgulho mais ligado às conquistas do presente. Defendo no meu trabalho, e até ideologicamente, que somos um híbrido da condição de brasilidade e platinidade. A gente tem que fazer disso a nossa marca."

" Não temos que nos sentir à margem do Brasil, e sim como centro de uma outra história, mais nova e mais particular que o resto do Brasil. Isso é um dos braços da 'Estética do Frio': pensar o RS como centro de uma história ao sul da América e não à margem da história do Brasil, de maneira que a gente possa desfrutar dessa confluência de culturas. Acho que cheguei perto disso no Tambong."

" Identifico a milonga como o gênero que melhor exprime a nossa sensibilidade, que tem a nossa cara, porque é uma matriz nossa, dessa raiz platina.

Analisando os ritmos que identificam outras regiões do Brasil como o samba ou frevo, a gente percebe que é um convite à rua, à festa, à alegria, uma coisa que até está vinculada ao clima de lá, isso de sair atrás de trio elétrico e ir para o carnaval de rua, com ritmos marcados para isso.

Quando percebi, no Rio, que havia uma estética proveniente do clima, me dei conta de que o RS não fazia parte disso. Eu via os caras no carnaval fora de época do nordeste, em pleno mês de julho e eu lá naquele calorão, tomando chimarrão e achando aquilo um absurdo. Jamais eu teria disposição para aquilo.

Culturalmente aquele tipo de manifestação não mexe comigo. Ao mesmo tempo, a TV noticiou a chegada do frio no sul e aquilo me emocionou, deu uma enorme vontade de estar aqui, me senti no exílio. Fiquei perturbado com aquela estética da qual eu não fazia parte e comecei a pensar qual seria a nossa: tinha o regionalismo que é sempre uma coisa mais ritualística, aquela coisa de gauchão cantando vanerão, que demora assimilar as

inovações; tinha em Porto Alegre uma coisa mais segmentada, o rock e o samba. Aí percebi que o frio é que era o fator de distinção na própria postura da gente e, para mim, a música que mais reflete isso é a milonga.

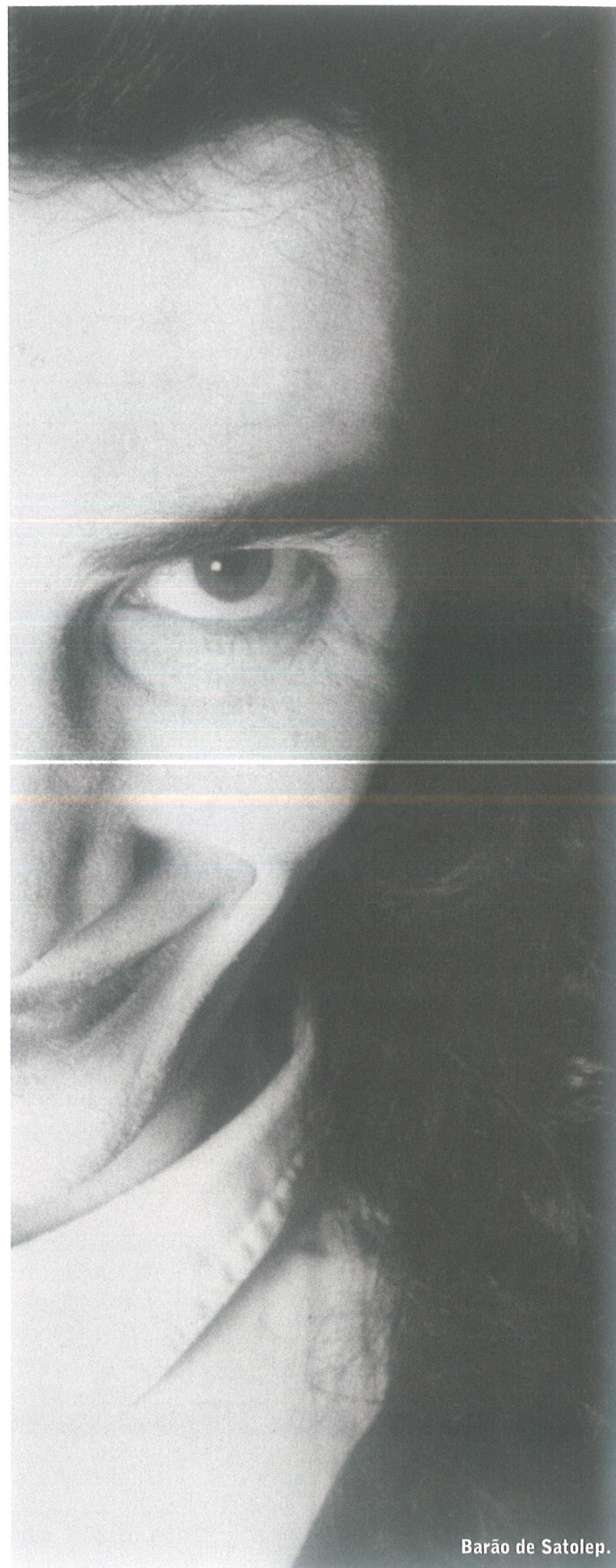
Eu não queria um estereótipo, uma caricatura de chapelão e bombacha com a qual eu não tinha identidade, mas também não podia me identificar com o rock ou o samba de Porto Alegre. Por isso é que eu digo que a teoria da 'Estética do Frio' é uma coisa que só serve para mim. Não é uma regra ou uma bula para a música do RS, mas uma maneira minha, pessoal, de ver essas coisas, porque até então eu era indefinido, minha música não tinha uma característica própria e identificável; depois do disco Tango é que consegui definir minha música e resolver minha crise de identidade."

" Quando fiz a música Não é Céu, ela surgiu como uma bossa. Eu pensei - 'pô, eu não me sinto à vontade compondo isso, então tenho algo de separatista; será que não sou brasileiro suficiente para me apropriar disso?' Aí é que vem a necessidade de transformar as coisas. Eu até achava que como bossa ela era competitiva com tudo que se tenha feito, só que eu não queria repetir o João Gilberto, daí é que surgiu essa versão gravada na Argentina e com uma coisa que me identifica de cara."

" Sair da ansiedade de estar numa gravadora foi bom para mim. Eu tinha que fazer um disco por ano e ainda ficar ouvindo que a minha música era triste. Mas se eu componho músicas melancólicas e isso agrada a mim, mas não ao produtor, então estou no lugar errado. Eu não ia passar a vida lutando contra o sistema e jogando fora os meus discos, porque tudo o que se faz numa gravadora e não agrada a ela, fica engavetado e morre."

" Nos anos 90, vieram as gravações digitais e com as facilidades tecnológicas parti para gravar meus próprios discos e então pude fazer a viagem conceitual sobre a 'Estética do Frio', que comecei no Ramilongas. Aí veio a minha disposição para a milonga, que reflete até mesmo a paisagem dos lugares de que eu gosto, as planícies e os descampados com uma ou outra tapera.

É assim que eu vejo a minha música: uma coisa livre com elementos colocados. Está ligada a conceitos como rigor, clareza, profundidade, concisão, pureza, leveza e melancolia. Se eu chegar numa gravadora e explicar isso, eles vão responder: - Bixo, você está louco, sai daqui! - É por isso que eu não tenho tempo a perder



Barão de Satolep.



VITOR
RAMIL
TANGO

Capa de Tango, 1986.

com a política das grandes companhias; eles querem alguém que possa estourar no Gugu ou no Faustão, e eu não tenho como e nem por que fazer isso, eles precisariam fazer um trabalho complexo no qual não têm interesse."

" Até os anos 80, eu fazia uma música parecida com tudo da MPB; pensava em discos com orquestra, essas coisas que parecem difíceis, mas que no fundo são fáceis de fazer, porque o difícil mesmo é mexer na essência da composição. Além de fazer uma boa canção, que ela também colabore com o desenvolvimento da música como um todo. Acho que só consegui chegar nisso agora.

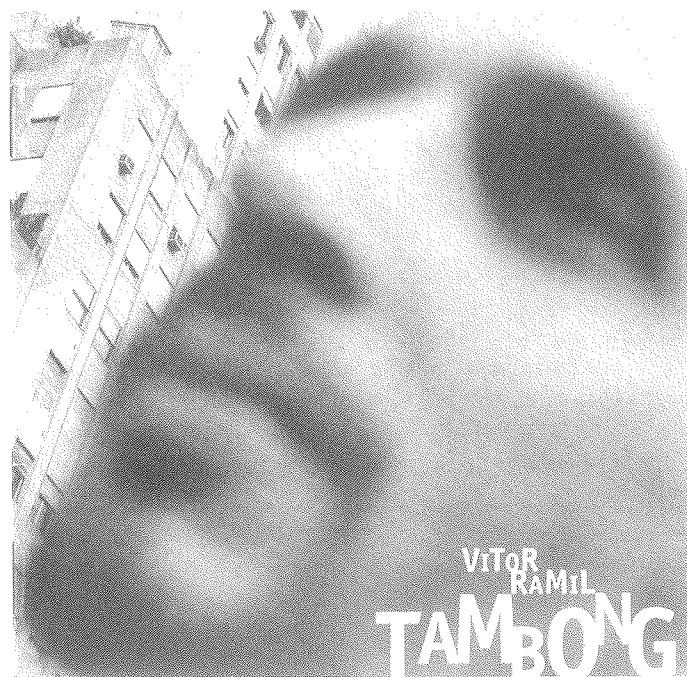
Atingi a minha maturidade em texto, melodia e harmonia; é um mergulho no meu detalhe, na definição da minha linguagem. Quando fiz o Tango, decidi não ter parceiros para não esperar que alguém resolvesse

por mim; decidi que, como compositor, deveria me dar conta de tudo."

" Preciso dar vazão à minha criatividade, mas é claro que ter um selo independente também é um problema. Não posso comprar espaços na mídia ou fazer tocar meu disco na novela. Adoraria terminar minhas músicas no estúdio e etc., mas se estou numa grande gravadora e o meu disco vende 300 mil, é o que basta para começar a pressão para o próximo e isso é insuportável, todos os artistas passam por isso.

O próprio Erasmo Carlos disse, corajosamente, que só quem está criando alguma coisa no Brasil atualmente são os independentes, porque têm liberdade para isso."

" Sou estigmatizado pelas gravadoras como um cara difícil, mas isso não me preocupa; eu até gostaria que a minha música chegasse ao povão, mas sei que é uma utopia. Não tenho um esquema para botar cem mil discos no mercado. Isso me faz pensar diferente; tenho que vender cem mil em dez anos; para isso o meu disco tem que ser bom o suficiente para permanecer esse tempo todo vendendo. tenho que fazer boas canções e gravá-las direito. Então é preciso ser um bom artista, a coisa começa e acaba na gente. Eu penso assim e isso me motiva a continuar independente."



Capa de Tambong, 2000.



Semeadura

Milonga

Letra: José Alberto Fogaça Medeiros
Música: Vitor Ramil

Min
 SIM? Min
 NOS VAMOS PROSSEGUIR, COMPANHEIRO, MEDO NÃO HÁ — NO RUMO CERTO DA ES-
 TRADA U-NI-DOS VAMOS CRESCER E ANDAR — NOS VAMOS REPARTIR — COMPANHEIRO O
 CAMPO E O MAR — O PÃO DA VI-DA, MEU BRAÇO, MEU PEITO FEITO PRA AMAR.
 SOLM RÉM? SIM? Min DOM
 ESTR.: A-MERI-CANA PA-TRIA, MORENA, QUIERO TE-NER — GUITARRA Y CANTO LIBRE EN
 TU AMAÑECER — NO PAM-PA MEU PALAVO-AR ESTEIRA DE VENTO E LUAR,
 SIM? Min
 VENTO E LUAR —

Nós vamos prosseguir, Companheiro
 Medo não há
 No rumo certo da estrada
 Unidos vamos crescer e andar
 Nós vamos repartir, Companheiro
 O campo e o mar
 O pão da vida, meu braço, meu peito feito pra amar.

Est.: Americana Pátria morena quero tener
 Guitarra y canto libre en tu amanecer.
 No pampa, meu pala a voar
 Esteira de vento e luar
 Vento e luar.

Nós vamos semear, Companheiro
 No coração
 Manhãs e frutos e sonhos
 Pr'um dia acabar com a escuridão
 Nós vamos preparar, Companheiro
 Sem ilusão
 Um novo tempo, em que a paz e a fartura
 Brotem das mãos.

Est.: Americana Pátria morena...

(Declamado)

Minha guitarra, Companheiro
 Fala o idioma das águas, das pedras
 Dos cárceres, do medo, do fogo, do sal
 Minha guitarra, Companheiro
 Tem os demônios da ternura e da tempestade.

É como um cavalo
 Que rasga o ventre da noite
 Beija o relâmpago
 E desafia os senhores da Vida e da Morte
 Minha guitarra é minha terra, Companheiro
 É o meu arado semeando na escuridão
 Um tempo de claridade
 Minha guitarra é meu povo, Companheiro



Não é Céu

Vitor Ramil

1 NÃO É CÉU SOBRE NÓS...

5 DE LE ES SA NOI TE NÃO VEI OE MUI TO ME NOS VAI O DIA CHE GAR

9 SE CHE GAR, NÃO É SOL QUEM SA BEA LUZ DE UM CI

14 GAR RO QUE DE SA BA DO VI GE SI MOAN DAR E FO GO,

19 MO RA. DEI XAES SA BRA SA DES CER LÁ FO RA DEI XAO MUN DO

23 TO DO QUEI MAR É CE DO CE

27 DO. FI CA CO MI GO, MEA BRA ÇA QUE CA LOR ME LHOR A

31 RU A NÃO DÁ

Não é céu sobre nós
 Dele essa noite não veio
 E muito menos vai o dia chegar /
 Se chegar, não é sol
 Quem sabe a luz de um cigarro
 Que desabe do vigésimo andar /
 É fogo, mora
 deixa essa brasa descer lá fora
 deixa o mundo todo queimar /
 É cedo, cedo
 Fica comigo, me abraça
 Que calor melhor a rua não dá /

Não é céu sobre nós
 Se fosse o céu que se conta
 Não seria a ponta acesa a brilhar /
 Se brilhou, não é sol
 Se fosse o sol desabando
 nem meu quarto ia poder te salvar /
 É fogo, mora
 Gente na brasa a gritar lá fora
 Só nos falta Nero cantar /
 É cedo, cedo
 Fica comigo, me abraça
 Que calor melhor a rua não dá /

Não é céu sobre nós
 Não vimos noite passando
 E essa luz não fez o gelo cantar /
 Se cantou, não é sol
 Dia nascendo normal
 A gente acorda e não costuma gritar /
 É fogo, mora
 Deixa essa brasa sumir lá fora
 Deixa o galo nos acordar /
 É cedo, cedo
 Fica comigo, me abraça
 Que calor melhor a rua não dá.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

| | | |
|--|-------|--|
| 1- A Primeira Metade do Século XX (especial) * | | - Chão de Tijolo |
| 2- Os Bertussi/Paulo Ruschel | | - Chão de Taquaral |
| 3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes | | - Erva Mate |
| 4- Túlio Piva/Luiz Menezes | | - Tampo de Violão |
| 5- Gildo de Freitas/Teixeirinha | | - Bombacha e Laço de Couro |
| 6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes | | - Crina de Cavalo |
| 7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja | | - Assoalho de Salão de Baile |
| 8- Os Poetas (especial) ** | | - Céu de Porto Alegre no Verão |
| 9- Os Fagundes (especial) ** | | - Fogo de Chão |
| 10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos") | | - Parede de Costaneira |
| 11- Geraldo Flach/Bedeu | | - Janelas da Usina do Gazômetro (POA) |
| 12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) ** | | - Guitarra Elétrica |
| 13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino | | - Escadaria da Rua 24 de Maio (POA) |
| 14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim | | - Escultura Natural em Madeira |
| 15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges | | - Moirão com Arame |
| 16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará | | - Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA) |
| 17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro | | - Margem do Rio Guaíba (POA) |
| 18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) ** | | - Cuias |
| 19- Plauto Cruz/Fogaça | | - Areia de Beira de Rio |
| 20- Noel Guarany/Cenair Maicá | | - Parede de Taipá |
| 21- Bebeto Alves/Vitor Ramil | | - Campo |
| 22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira | | - Semáforo |
| 23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto | | - Boleadeiras |
| 24- Elton Saldanha/Zé Caradípia | | - Violão e Calçada da Rua da República (POA) |
| 25- Humberto Gessinger/Júlio Reny | | - Interior de Aparelho Valvulado |
| 26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando | | - Fachada do Theatro São Pedro (POA) |
| 27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy | | - Detalhe de Grafite |
| 28- Nenhum de Nós/Papas da Língua | | - Conexão de Rede Elétrica |
| 29- A Novíssima Geração (especial) ** | | - Sinalização de Asfalto |
| 30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) *** | | - Gaita |

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

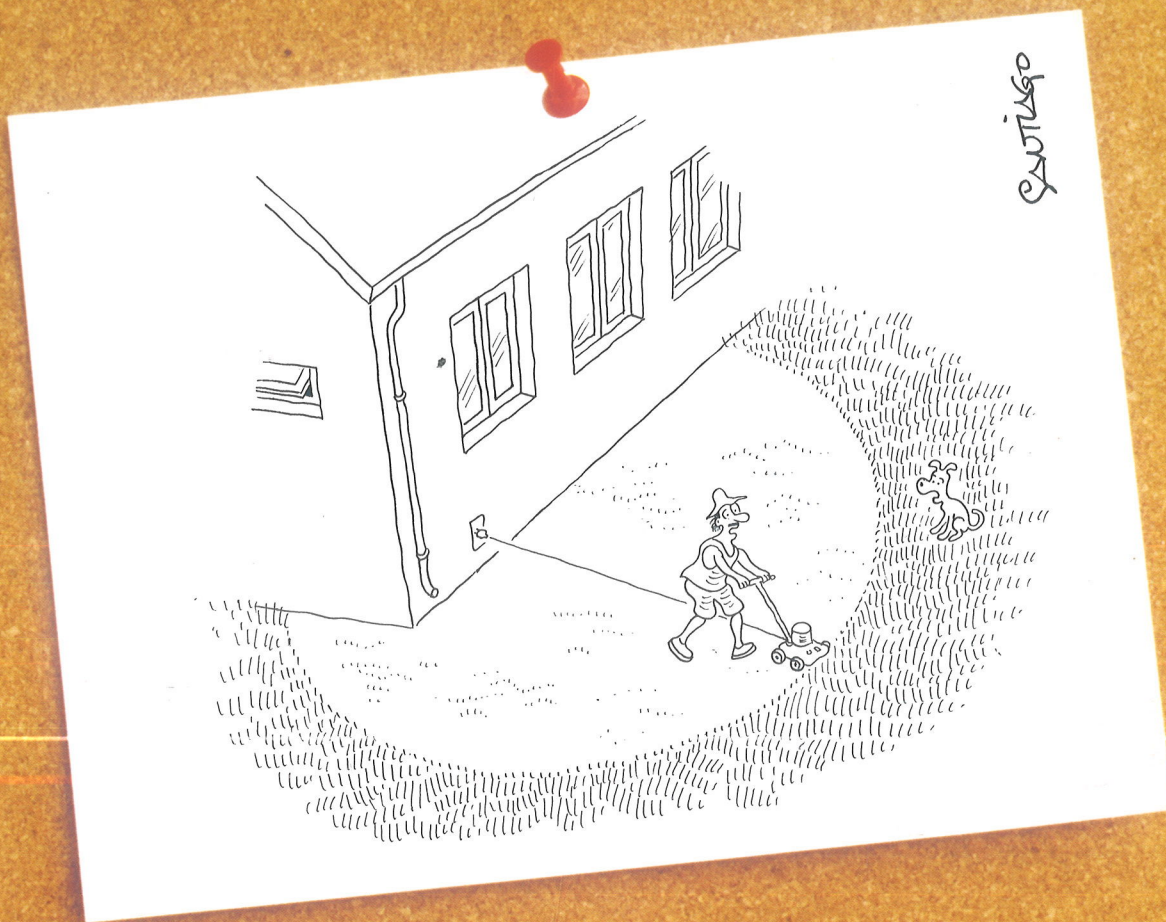
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrtton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura